

A tarefa dos feminismos de nomear as violências contra as mulheres

*The task of feminisms
in naming violence against women*

Ana Cristina Frias

Doutora em História Social da Cultura
pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
anacrisfrias@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7875-6586>
<http://lattes.cnpq.br/2422570548550302>

Resumo: Durante a década de 2010 a 2020, várias campanhas feministas digitais denunciaram uma série de casos de abusos, assédios sexuais e crimes de feminicídio. Nas redes sociais, milhares de mulheres, ao redor do planeta, compartilhavam relatos de violências e escreviam sobre atitudes que as desrespeitavam e as feriam no dia a dia. O artigo tem a proposta de analisar como esses discursos, que surgem no digital, são registros de experiências que possuem um caráter histórico e que revelam um problema social profundo de escala global. A partir das contribuições do historiador Reinhart Koselleck e de autoras como Rosa Cobo, Rebecca Solnit, Nelly Richard e Laura Bates, o texto assinala quais são os desafios para a História neste contexto e como o território digital que promoveu avanços sobre os direitos das mulheres, também é o ambiente que mais propaga misoginia na atualidade.

Palavras-chave: História Intelectual; Feminismo Digital; História das Mulheres; Violência contra as Mulheres; Humanidades Digitais.

Abstract: In the 2010s, digital feminist campaigns denouncing a series of cases of abuse, sexual harassment, and the crime of femicide. On social media, thousands of women around the planet began sharing accounts of violence as well as behaviors that disrespected and harmed them in their daily lives. The purpose of this article is to analyze how these discourses, which arise in the digital realm, constitute narratives of experiences that possess a historical character and reveal a deep social problem of a global scale. Drawing on the contributions of historian Reinhart Koselleck and authors such as Rebecca Solnit, Nelly Richard, and Laura Bates, the text outlines the challenges for History within this context and examines how the digital territory that promoted advances in women's rights has also become the environment that propagates the most misogyny today.

Keywords: Intellectual History; Feminist Digital Campaigns; Women's History; Violence Against Women; Digital Humanities.

Introdução

Desde meados dos anos 2000, vários movimentos denunciaram casos de assédio e de abusos sexuais, como o *#metoo*, o *#everydaysexism*, o *#cuéntalo*, e de crimes de feminicídios, como *#niunamenos*, na Argentina. Essas mobilizações tiveram grande repercussão e conseguiram trazer para os feminismos pessoas que nunca haviam se identificado como feministas ou que sequer tinham participado de qualquer tipo de protesto. Essas manifestações que começaram nas redes sociais e se expandiram para os protestos nas ruas, só se tornaram possíveis pela mobilização de uma militância feminista que conseguiu potencializar o debate público de forma muito eficiente com o ativismo digital. No geral, essas campanhas evidenciaram, principalmente, uma violência estrutural que atingia as mulheres a partir de situações cotidianas e refletiam comportamentos que eram normalizados pelo hábito.

Neste contexto, uma interlocução entre a história intelectual e as humanidades digitais nos auxilia a analisar os discursos compartilhados na internet, principalmente, durante o período de 2010 a 2020. Os relatos dessas campanhas revelam as múltiplas dimensões das violências que afetam o feminino, principalmente em países com uma história colonial como os da América Latina. No entanto, as mesmas plataformas que contribuíram para incentivar as discussões sobre violência de gênero, tornaram-se também o ambiente ideal para que a misoginia se renovasse por meio da IA e de novos aplicativos que podem submeter ainda mais as mulheres.

A espanhola Rosa Cobo¹ (2019), que é escritora e professora de Sociologia de Gênero da Universidade de La Coruña, assinala que a tarefa principal dos movimentos contemporâneos feministas foi a de dar destaque e de identificar o tema da violência. Outras pautas também tiveram relevância como: diversidade das mulheres, linguagem inclusiva, direito ao aborto e as críticas ao neoliberalismo e ao extrativismo. Mas, ao concentrarem esforços em campanhas que incentivavam o compartilhar de casos de abusos e assédio, conseguiram expor uma lógica sexista que atravessava o cotidiano. As campanhas feministas tornaram visível uma violência

¹ Rosa Cobo é uma das principais teóricas espanholas das áreas sociologia de gênero e feminismos contemporâneos. Além disso, atuou ativamente na formulação de políticas públicas de igualdade de gênero na Espanha.

que sempre foi violência, mas que não era reconhecida como tal. Para Cobo, esses feminismos permitiram enxergar a violência sexual como um problema crônico e global para as mulheres.

A questão central da quarta onda do feminismo é, sem dúvida, a violência sexual. A violência é um problema crônico e global para mulheres, afetando-as tanto em países periféricos quanto nos países centrais. A violência sexual é um poderoso mecanismo de controle social que impede as mulheres de reivindicarem espaço público e de exercerem sua autonomia e liberdade (COBO, 2019: 138, tradução própria).

Assim, impulsionadas pelas redes sociais, milhões de mulheres de distintas faixas etárias e de várias culturas passaram a compartilhar *hashtags* com histórias semelhantes, mas que possuíam personagens e cenários bem distintos. Pela primeira vez na história, as mulheres conseguiram coletivamente e simultaneamente narrar as violências que enfrentavam no dia a dia, através de *posts* que traziam uma pluralidade de vozes e de testemunhos. Para os historiadores, tal questão representa o desafio de como esse conteúdo digital pode ser lido, analisado e contextualizado como fragmentos de discursos e de experiências que possuem um caráter histórico.

Desta forma, as *hashtags* quando se transformam em *trends* e indicam os temas mais populares do momento são um caminho metodológico importante para a análise historiográfica, já que apontam a circulação de uma ideia, a relevância de determinada agenda para um grupo ou a repercussão pública que um assunto alcança. No entanto, não é possível realizar este exercício sem um olhar crítico sobre como este mesmo território digital também permite a difusão de mensagens carregadas de misoginia, de desinformação, de racismo e de ataques de ódio.

As *hashtags*, que foram popularizadas em plataformas como o antigo *Twitter*, atual *X*, é uma forma de reunir um conjunto de publicações ou postagens dentro de um mesmo tópico. Quando o compartilhar alcança larga escala, significa que o conteúdo teve um engajamento de milhões de usuários e a repercussão se tornou expressiva o suficiente para incentivar o debate público. Foi o que aconteceu com o *#metoo*, nos Estados Unidos, e outras campanhas que se popularizaram com o ativismo feminista digital. Este fenômeno de postar sobre um assunto porque me identifico com ele, se converteu em uma prática diária para milhões de usuários das

redes sociais. O recurso, que reúne em palavras-chaves uma ideia principal, funciona como uma ferramenta que agrupa opiniões, protestos e relatos dentro de um mesmo conteúdo, mas não só isso, permite também identificar temas que estimulam debates políticos e que impactam a vida de cidadãos e cidadãs.

É curioso observar que quando a jornalista argentina Juana Manso escreveu sobre a emancipação feminina nos jornais que editava no século XIX e pedia para suas leitoras na época contarem a condição de submissão que marcavam a existência das mulheres, não recebia uma única carta.² Hoje, mais de um século depois, relatos com detalhes sobre violência sexista são compartilhados aos milhões e ficam agrupados sob uma *hashtag*. Na lógica das redes, uma história se conecta a outra porque alguém sentiu alguma emoção a partir do que acabou de ler, há uma identificação emocional com aquilo que foi descrito. A coragem de uma pessoa ao contar sua história estimula outra a fazer igual, a expressão da raiva de alguém diante de um relato compartilhado ou de um crime vai mobilizar o comentário indignado de quem sente a mesma revolta. Assim, da mesma forma que os discursos, as emoções também são compartilhadas e uma ação pode desencadear uma série de eventos relacionados. Por isso, apesar de surgirem no ambiente digital, essas campanhas não ficaram limitadas a ele e marchas coletivas foram convocadas para ocuparem também as ruas.

Desta forma, para os feminismos contemporâneos, o verbo nomear adquiriu o significado de colocar em linguagem o que não era dito, de ressaltar o comentário desapropriado que constrange e desqualifica o outro. Esse nomear passou a descrever um desconforto provocado ou a tentativa de falar o que fere emocionalmente. Estes feminismos atuais converteram em linguagem a violência que estava no campo do sentido e que era silenciada.

A filósofa alemã Carolina Emcke escreveu a peça de teatro *Sim é Sim* para destacar a importância de se falar sobre aquilo que nos silencia diante do assédio ou do abuso sexual. Em uma das cenas, a protagonista questiona o público: “Por que reprimimos a intuição correta de chamar pelo nome o que consideramos inaceitável ou inadequado? Quais mecanismos nos silenciam?” (EMCKE, 2018: 23). Emcke aponta que durante muito tempo o foco não esteve em

² Juana Manso (1819-1875) foi escritora e jornalista argentina e um dos principais nomes na defesa da educação feminina na América Latina. Na década de 1850, veio exilada com a família para o Rio de Janeiro e na capital publicou a primeira edição do *Jornal de Senhoras*, onde tinha a coluna “Emancipação Moral das Mulheres”. A produção intelectual, jornalística e a atuação que teve na vida política fizeram com que Manso fosse uma das intelectuais do século XIX mais estudadas pela historiografia argentina.

quem praticava a violência, mas naqueles que queriam falar a respeito e não conseguiam, como se houvesse um impedimento de falar sobre algo que ninguém queria ouvir.³ “Para conseguir criticar algo, é preciso querer e conseguir imaginá-lo. E para conseguir imaginar algo, é preciso nomeá-lo. Quando a violência permanece abstrata, quando não há conceitos e descrições a respeito, ela permanece inimaginável, improvável e impalpável” (EMCKE, 2018: 10).

Dessa forma, a linguagem expressava uma violência constante na realidade, mas que não tinha sido amplamente elaborada ou verbalizada. E neste ponto é importante ressaltar o argumento de Reinhart Koselleck quando afirma que a característica do tempo histórico é a tensão entre a sociedade, a mudança social e as elaborações semânticas que provocam. Ele argumenta que as transformações, os conflitos e as relações que afetam os indivíduos dentro de um contexto nunca coincidem com as articulações linguísticas com as quais as sociedades agem e se reconfiguram. Para o historiador, o ser humano é constituído, de forma inseparável, da linguagem e da sua existência social, assim, ele assinala o descompasso que há entre a história que acontece e sua viabilidade linguística: “A história não se realiza sem fala, mas nunca é idêntica, nem pode ser reduzida a esta” (KOSELLECK, 2020: 21).

Koselleck mostra também que, para além da linguagem falada, há outros modos de efetivação dos eventos e destaca uma série de signos como gestos corporais e expressões faciais; e porque não assinalarmos até mesmo as marcas da violência que podem ser compreendidas sem palavras.

Nascimento, amor e morte, comida, fome, miséria e doenças, quem sabe até a felicidade, bem como de qualquer modo, o roubo, a vitória, o assassinato e a derrota – todos esses também são elementos e modos de efetivação da história humana, cujas precondições extralinguísticas dificilmente podem ser negadas. Estendem-se desde o cotidiano até a identificação das configurações da dominação política (KOSELLECK, 2020: 22).

³ O texto de Caroline Emcke é baseado em uma peça que estreou, em dezembro de 2018, no teatro Schaubühne, em Berlim. O monólogo criado por Emcke aborda o debate público sobre agressão sexual e abuso sexual desencadeado pelo movimento *#metoo*.

Desta forma, quais estratégias as primeiras campanhas feministas digitais utilizaram para elaborar semanticamente as violências que afetavam e ainda afetam o feminino? E de que forma essa viabilidade linguística revela a profundidade de um problema histórico contra as mulheres?

As primeiras campanhas feministas digitais

Uma das principais ações deste ativismo digital foi promovida pela escritora inglesa Laura Bates, em 2012. A ideia do *Every Day Sexism Project* surgiu quando a própria Bates passou por três episódios de assédio em uma mesma semana e começou a se questionar por que ninguém falava sobre. Ao perguntar para pessoas próximas, descobriu o quanto este comportamento era um padrão e que praticamente todas as pessoas com quem havia conversado sofreram algum tipo de assédio ao longo da vida ou poucos dias antes da conversa. Foi a partir deste momento que decidiu criar o *Every Day Sexism Project* para que as pessoas pudessem relatar suas experiências de violência cotidiana de gênero. Em 18 meses, Bates recebeu mais de 50 mil relatos de todo o mundo, de pessoas de diferentes idades, raças, etnias, com distintas orientações e identidades de gênero. Tais histórias revelam a normalidade de comentários masculinos que geravam constrangimento e indicavam situações de desrespeito contra mulheres e corpos feminilizados. Eram exemplos que iam desde “micro violências” até episódios mais graves de abuso sexual (TEDxTALKS, 2014).

Nas mensagens, havia relatos como o de uma empregada que ouviu do chefe que, para ganhar o bônus de Natal, deveria sentar-se no colo dele; ou o de uma garçonete grávida que ouviu do gerente que deveria fazer um aborto para continuar empregada; ou até mesmo de uma professora que ouviu do aluno que ela era mais bonita calada. Para Bates se tornava evidente que “o combate ao sexismo não era apenas uma luta de mulheres contra os homens, mas uma batalha contra diferentes formas de preconceito imposta por uma estrutura patriarcal” (MCCANN, 2019: 309).

Por conta do projeto, Bates chegou a receber cerca de 200 mensagens de ódio por dia através das redes sociais. Eram comentários que a desrespeitavam e tentavam desqualificá-la de

muitas maneiras. Porém, ela própria assinala que este tipo de ataque *on-line* não era o que mais temia, mas sim os que sofria dos homens que encontrava pessoalmente.

Mais sinistros eram os astutos e inteligentes que se escondiam à vista de todos. Homens garantindo com confiança aos que nos rodeavam que o sexismo no Reino Unido era uma coisa do passado e que eu deveria olhar para outros países para encontrar ‘problemas reais’. Homens que perguntaram ao meu marido, em tom de solidariedade, como ele lidou com o fato de ser casado comigo. Políticos que me disseram que eu era ‘desnecessariamente negativa’ e que as meninas de hoje em dia não sabiam a sorte que tinham. O editor de fotografia do jornal que ignorou o conteúdo da minha entrevista quando anunciou que sua prioridade era me fazer parecer ‘o mais sexy possível’. Pessoas com o poder de mudar as coisas, mas tinham a vontade de mantê-las exatamente como eram (BATES, 2017, tradução própria).

Para Bates, o conjunto de relatos que reuniu representa uma manifestação coletiva de raiva, de tristeza e de trauma. Mas, ao mesmo tempo que identificou a extensão do problema, conseguiu enxergar também que havia uma enorme força para combater essa realidade. Ao menos, muitas mulheres estavam conseguindo falar sobre e descrever as violências que sofriam.

Outra campanha que teve um grande destaque foi o *#metoo*, lançado, em 2006, por Tarana Burke, quando era coordenadora do projeto *Girls for Gender Equity* e trabalhava para dar assistência para jovens e meninas negras nos Estados Unidos. Burke conta que a ideia surgiu nos acampamentos que participava quando ouvia relatos de agressão das meninas. No entanto, o sucesso do movimento ocorreu somente, em 2017, quando atrizes de Hollywood passaram a expor situações de assédio e agressões sexuais que enfrentaram ao longo de suas carreiras. Foi a primeira vez que mulheres denunciavam uma cultura de violência sexual que ocorria no cenário de maior produção cinematográfica do mundo.

No início, as principais denúncias foram contra o produtor Harvey Weinstein. Na ocasião, a atriz Alissa Milano publicou no *Twitter* encorajando as pessoas a contarem suas histórias. O post destacava: “Se você já sofreu assédio ou agressão sexual, responda este tweet com: ‘eu também’”. O *#metoo* se tornou viral em horas. Aproximadamente, meio milhão de pessoas responderam ao post nas primeiras 24 horas. Entre elas, estavam estrelas de Hollywood como

Viola Davis, Lady Gaga e Rachel Wood. O que poderia ser apenas uma denúncia isolada, se converteu em uma denúncia massiva. Em decorrência, surgiram vários relatos contra personalidades das áreas de entretenimento, jornalismo, política e tecnologia, principalmente, nos Estados Unidos e no Reino Unido.

Nos relatos compartilhados com a *hashtag*, milhares de mulheres falaram pela primeira vez sobre terem sido violentadas, outras descreveram situações com colegas de trabalho que eram agressivos, insistentes ao adotarem uma abordagem sexual ou fazerem comentários constrangedores sobre os seus corpos ou as roupas que usavam. Um mês após as denúncias das atrizes, a *hashtag* *#metoo* tinha gerado mais de 2.3 milhões de posts, que foram publicados em 85 países, o que representa 24 milhões de pessoas participando da conversa, seja reagindo às publicações ou comentando os conteúdos (FOX; DIELM, CNN, 2017).

Na época, a comediantes, escritora e feminista Lindy West, ao abordar a repercussão do *#metoo* nos Estados Unidos, escreveu um artigo no *New York Times*, com o título: “*Corajosa suficiente para sentir raiva*”. No texto, West assinala a resposta da atriz Uma Thurman ao repórter que a questionava sobre o abuso de poder em Hollywood, diante das acusações contra Weinstein. Naquele momento, Thurman afirmou: “Eu não tenho uma frase clara para você, porque aprendi, e não sou mais criança, que quando falo com raiva, eu geralmente posso me arrepender do que falei. Então, estou esperando sentir menos raiva. Quando estiver pronta, direi o que preciso dizer” (WEST, 2017, tradução própria).

Thurman demonstrava a raiva que milhões de mulheres estavam sentindo naquele momento e que havia sido desencadeada por duas palavras: *#metoo*. Este “eu também”, que vinha de todo lugar, evidenciava como as mulheres se sentiam diante de um comportamento abusivo e predatório masculino. Para West, Thurman ao ponderar demonstrava como a raiva feminina sempre foi uma arma utilizada contra as próprias mulheres.

Estamos furiosas com o tempo que fomos ignoradas, fervendo por aquelas que foram punidas há muito tempo por dizerem a verdade, fervendo porque ouvimos durante todas as nossas vidas que não podíamos ferver [...]. Levei duas décadas para ficar corajosa o suficiente para ter raiva. O feminismo é a manifestação coletiva da raiva feminista. Eles suprimiram nossa raiva por algum motivo. Vamos mostrar para eles que estavam certos (WEST, *New York Times*, 2017, tradução própria).

A historiadora e escritora norte-americana Rebecca Solnit⁴ (2019) também comentou como a emoção da raiva estava sendo compartilhada e apropriada pelas mulheres a partir dos feminismos contemporâneos. No capítulo *Toda Raiva*, no livro *De quem é essa história?*, Solnit demonstra o quanto a raiva masculina esteve atrelada a um conjunto de questões relacionadas à segurança pública e se tornou uma força atuante dos movimentos sociais e políticos que mais propagam discursos de ódio na atualidade. Para Solnit, essa característica é fundamental para compreender o surto de violência doméstica, os tiroteios em massa e o crescimento de grupos neonazistas e de *incels* – denominação de grupos de celibatários que disseminam ódio às mulheres nas redes. Segundo a escritora, até pouco tempo, era inevitável para o sexo feminino lidar com as explosões masculinas. Havia uma tendência de se normalizar tal comportamento como um aspecto intrínseco ao gênero. Mas algo mudou a partir do momento em que as mulheres passaram a levar spray de pimenta nas bolsas, que tiveram aulas de defesa pessoal, que decidiram evitar homens que usavam fúria ou raiva para controlar e intimidar os outros, ou quando, com mobilizações como o *#metoo*, começaram a falar sobre a violência que as afetava. Para Solnit, em vez de teorias que expliquem a raiva masculina, havia cada vez mais livros e artigos preocupados em entender os motivos da raiva feminina, o que assinalava uma transformação na percepção desta emoção pelas mulheres. Porém, Solnit destaca um alerta sobre o uso dessa raiva nos feminismos:

As mesmas transformações feministas que permitiram surgir a enxurrada de livros podem, no futuro, desgastar as causas da nossa raiva. Grande parte da raiva discutida em todos esses livros vem do sentimento da mulher de ser impedida, frustrada – de não conseguir exigir respeito, igualdade, controle sobre o próprio corpo e o próprio destino, ou de testemunhar a opressão de outras mulheres. Uma das armadilhas na tentativa de conseguir igualdade é confundir ganhar poder com soltar a raiva. Para todas nós, o dilema é este: como podemos, sem idealizar, nem enraizar a raiva, conceder às pessoas não brancas e não homens direitos iguais para o sentir e o expressar a raiva? (SOLNIT, 2019: 123).

⁴ Rebecca Solnit é uma importante intelectual e ensaísta norte-americana, cuja obra é central para teoria crítica feminista e os estudos de gênero. Ela foi responsável por popularizar o conceito de *mansplaining*, no livro *Os homens explicam tudo para mim*, ao descrever o comportamento masculino de tentar silenciar e desqualificar a opinião feminina.

Solnit também relembra o caso de Uma Thurman, destacando como a atriz precisou lidar com a raiva que sentia. Na ocasião, muitas feministas criticaram a atriz e afirmaram que ela devia ter respondido ao repórter imediatamente e não mostrar que se sentia cerceada pela raiva. No entanto, Thurman aguardou para contar a história integralmente e não cedeu à pressão do momento. Quase três meses depois do episódio, ainda na repercussão do *#metoo*, concedeu uma entrevista ao jornal *The New York Times* revelando como o diretor Quentin Tarantino a havia submetido a uma desumanização que quase a levou à morte durante a gravação de uma cena no México. Thurman contou também sobre o dia que Tarantino cuspiu no seu rosto e as agressões sexuais que sofreu por parte de Weinstein (DOWD, 2018). Para Solnit, o objetivo de Thurman era fazer com que seu relato trouxesse consequências tanto para os homens que a maltrataram, como também funcionasse para o público em geral. Não era apenas um desabafo, era o depoimento de uma pessoa que havia sofrido violência e isso precisava gerar alguma punição para os culpados. O relato assinalava como as mulheres são condicionadas a aceitar o abuso, mas não só isso, tendem a aceitar de forma equivocada que a violência pode estar relacionada a algum tipo de amor: “Demorou muito tempo, porque acho que, quando jovens, nos condicionam a acreditar que a crueldade e o amor têm alguma conexão e essa é uma fase pela qual todas temos que passar” (SOLNIT, 2019: 130). Weinstein era um dos produtores mais prestigiados de Hollywood e foi acusado de estupro e assédio sexual por dezenas de mulheres.

Por outro lado, uma das polêmicas importantes envolvendo o *#metoo* foi que a fundadora, Tarana Burke, era raramente citada nas publicações que falavam sobre a mobilização. Muitas reportagens concentravam apenas nas denúncias realizadas pelas atrizes de Hollywood. Porém, durante uma conferência, em 2018, Burke assinalou que a primeira coisa que ouvia era que o movimento não tratava mais a realidade das latinas, negras e nativo-americanas. Na ocasião, tentou convencer essas mulheres a pararem de ceder espaços para pessoas brancas e a recuperarem a narrativa da campanha. Este exemplo mostra que as batalhas não se concentravam apenas contra a violência machista, ainda persistia uma crítica contra uma narrativa dominante dos feminismos, que não contemplava ou não olhava a experiência de diferentes mulheres (ZAKARIA, 2021: 176).

Desde o momento em que mais pessoas compartilharam suas histórias, ficou nítido o quanto o assunto era uma questão social profunda. Por todo o alcance que obteve, a campanha

repercutiu em vários outros países que adotaram a tradução da *hashtag* ou expressões linguísticas semelhantes. Na França, os relatos de agressão e de violência foram reunidos pela versão *#balancetonporc*, que quer dizer “denunciem seu porco”, como referência as inúmeras acusações contra Weinstein, que era conhecido no mundo do cinema como *Pig*, que quer dizer porco em português. Na Itália, os usuários de redes sociais contaram histórias através da *hashtag* *#QuellaVoltaChe*, que significa “aquele tempo quando”. Já na língua espanhola, a repercussão foi com o *#yotambien*, e lugares como Brasil, Índia, países da África e do Oriente Médio utilizaram a própria versão em inglês: *#metoo*.

Entretanto, na Espanha, apesar do *#yotambién*, outra campanha ficou conhecida como o *#metoo* espanhol, o *#cuéntalo*, que também incentivava vítimas a contarem os abusos que sofreram. A mobilização ocorreu em diferentes cidades na Espanha após a Justiça determinar uma sentença leve para um crime sexual coletivo de cinco homens contra uma jovem nas festas de São Firmino, em Pamplona, em 2016. Na ocasião, os juízes de Navarra entenderam que o abuso cometido pelos homens, que tinham um grupo no whatsapp chamado “*La Manada*” e onde compartilharam os vídeos da agressão, foi apenas um ato sexual continuado, e por não conter violência física ou intimidação durante a ocorrência, não poderia ser qualificado como violação sexual. Um dos juízes defendeu, inclusive, a absolvição dos violadores, argumentando que a vítima consentiu e chegou a desfrutar da violência. Os juízes não se preocuparam em compreender a vulnerabilidade da jovem, a intimidação da abordagem ou o medo da vítima em um contexto no qual poderia ser morta. O episódio levou a uma manifestação pública de profissionais das áreas de Psicologia e Psiquiatria que escreveram uma carta pedindo mudanças nas investigações sobre violência sexual. Eles argumentavam que a postura de não resistência é uma reação comum deste tipo de crime e que jamais poderia ser confundida com consentimento. A mobilização promoveu um amplo debate que questionou o Código Penal espanhol e repercutiu na União Europeia e no Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (LIMA, 2018).

Na época, a coordenadora da UNIFEM, Purna Sen comentou que a impunidade para as violações de direitos humanos incute uma cultura de tentar culpabilizar e julgar as vítimas por injustiças cometidas contra elas, e essa realidade não pode continuar nos sistemas judiciais e penais dos países. Nas marchas que foram realizadas nas cidades espanholas, mulheres vestidas

de lilás traziam cartazes que destacavam: “não é abuso, é violação” e “irmã fica tranquila, sua manada está aqui”. A campanha que foi promovida pela jornalista espanhola Cristina Fallarás representa um combate à violência machista presente em instituições judiciais e é uma reação contra uma cultura de violência generalizada que não sentencia punições adequadas. Na Espanha, desde o *#cuéntalo*, outras formas de protesto também surgiram mobilizadas pelo ativismo digital, como o *#yositecreo*, que assinala que outras pessoas acreditavam nos relatos compartilhados, e o *#noesno*, na tradução em português quer dizer “*não é não*”, no qual basta uma pessoa dizer não para que ela deva ser respeitada e não ser violentada sexualmente.

Estes casos mostram que, nos últimos anos, as denúncias de violência de gênero nas redes sociais ganharam uma repercussão muito maior do que aquelas que eram amplamente noticiadas pelos meios de comunicação tradicionais. Isso ocorreu porque na internet o comportamento do público era diferente. Nas plataformas digitais, cada pessoa conseguia participar e influenciar o debate, mais do que ser um mero receptor da mensagem. Agora é possível interagir, dar opinião, mostrar apoio às vítimas e criar *hashtags* para ampliar um tema ou destacar uma campanha. A distinção que havia entre o espectador e o meio como produtor de conteúdo foi rompida. As redes sociais se tornaram caixas de ressonância dessas mobilizações que ansiavam um novo tempo. Dessa forma, nomear e identificar a violência que afetava as mulheres só foi possível porque havia uma plataforma que levava esse conteúdo para uma audiência em escala global. Assim, o ativismo digital possibilitou que as histórias de distintas mulheres fossem reunidas em expressões linguísticas como as que já foram assinaladas e outras como *#yesallwomen*, *#whyIstayed*, *#whyIleft* sobre situações de violência doméstica; ou *#Ibelieveher* em apoio às vítimas; ou *#Iwasrapedtoo* como reação aos crimes graves denunciados. Nos Estados Unidos, o *#notokay*, por exemplo, gerou mais de 27 milhões de tuítes no X depois que um vídeo com um comentário misógino de como tratar as mulheres sexualmente, do então candidato à presidente, Donald Trump, viralizou. No Brasil, ocorreu movimento semelhante e surgiram as campanhas: *#meuamigosecreto*, *#meuprimeiroassédio* e *#nãomereçoserestuprada*. Assim, as *hashtags* se tornaram uma interface que permitiu um acesso simples, mas muito eficaz para dar voz a distintas mulheres que sofriam com comportamentos que tentavam silenciá-las e intimidá-las o tempo todo.

Apesar das redes sociais terem contribuído para as mulheres contarem suas histórias, elas se tornaram também o palco para as ameaças *on-line*. Plataformas sociais como *X* e *TikTok* não se preocuparam em estabelecer limites e toleraram campanhas massivas que pregavam estupro e ameaças de morte para as feministas e os usuários que denunciavam violência sexual. Nestes espaços, alguns homens compartilharam a ideia de que as mulheres queriam vingança e pretendiam destruir a reputação do sexo masculino. Dado os cuidados e as precauções que cada caso requer, de que as denúncias precisam ser comprovadas e investigadas, após o *#metoo*, esses comentários não conseguiam mais desqualificar o que representava uma aderência popular massiva contra uma violência cometida cotidianamente.

A crítica de mídia e jornalista norte-americana, Jennifer Pozner (2016), chegou a afirmar que o assédio na internet se tornou um equivalente do que era o assédio na rua. Para Pozner, mulheres e pessoas negras estavam sujeitas aos ataques mais cruéis, e os usuários que praticam este tipo de discursos de ódio ficavam impunes nas redes. Ela assinala que este comportamento faz com que muitas pessoas sacrifiquem o seu direito à liberdade de expressão em função da violência verbal que sofrem (CUNHA, 2016). Outro dado que reforça o crescimento desses discursos é de 2016, quando o *The Guardian* realizou uma análise da seção de comentários nas reportagens do site e identificou que oito dos dez colunistas que mais sofriam ataques eram mulheres, dois eram homens negros e aquela com maior número de ameaças era a feminista Jessica Valenti⁵ (SOLNIT, 2017: 82).

As campanhas e os discursos que tentavam intimidar e constranger as mulheres *on-line* estão longe de acabar, eles revelam novas tentativas de silenciar o que se tem dito ou de querer retroceder os avanços em políticas públicas. Apesar da violência ser descrita e nomeada, cada vez mais, ela parece adotar novas estratégias para se perpetuar e permanecer tão presente quanto antes. No entanto, no contexto latino-americano, essas campanhas apresentaram características distintas e converteram os feminismos em forças sociais e políticas. Na Argentina e no Chile, quando começaram a nomear as agressões e os assédios que estavam sujeitas no cotidiano, as mulheres conseguiram ampliar um conjunto de pautas o que deixou as mobilizações feministas mais diversas do que as anteriores. Estes ativismos que agora saem do

⁵ A norte-americana Jessica Valenti foi uma das pioneiras do feminismo *on line* quando criou, em 2004, o blog *Feministing*. De 2014 a 2018, ela assinou uma coluna no *The Guardian* que fez enorme sucesso e tratava de temas como política, direito das mulheres e igualdade de gênero.

Sul em direção ao Norte, conseguiram ir além das denúncias de assédio e abuso apresentadas pelo #metoo, passaram a enfatizar uma violência sexista mais ampla, que atravessava as estruturas econômicas, sociais e políticas, e que marcava a vida das mulheres de forma profundamente desigual.

Nenhuma a menos, nenhuma morta a mais: #niunaamenos

Uma das principais manifestações feministas latino-americana foi apresentada pelo coletivo argentino #niunaamenos. Após uma grande mobilização nas redes sociais, em 3 de junho de 2015, na Praça dos Dois Congressos, em Buenos Aires, cerca de 200 mil pessoas se reuniram para protestar contra a forma mais brutal de violência que cada vez mais vitimiza um número maior de meninas, jovens e mulheres na Argentina, na América Latina e no mundo: o feminicídio. O lema *Ni una a menos* foi criado pela poeta mexicana Suzana Chávez, que também foi vítima da própria violência que tanto denunciou na Cidade de Juárez.⁶ Em poucas palavras, Susana resumiu o sentimento de indignação que se transformou na frase que levou uma multidão a ocupar espaços públicos, a clamar por justiça e a repudiar os assassinatos de corpos femininos. O *Ni una a menos* surgiu com uma proposta de se converter em um coletivo antirracista, antineoliberal, anti-imperialista e anti-heteronormativo que clamava por uma nova era na política. A campanha suscitava as seguintes perguntas: como explicar a violência contra o feminino? Por que homens matam companheiras ou ex-companheiras, mães, vizinhas, amigas, colegas de trabalho ou de estudo? Em qual momento, as mulheres deixam de ser pessoas amadas para virarem objetos de submissão?

A notícia que desencadeou a mobilização massiva na Argentina foi o assassinato de Chiara Paéz, moradora da cidade de Rufino, próxima da província de Santa Fé, após uma sequência de outros casos de feminicídio. Chiara estava no segundo ano do secundário e vivia com a mãe e a irmã. Em 9 de maio de 2015, saiu com amigas para jantar e, logo depois,

⁶ Suzana Chávez foi violentada, asfixiada e morta por três jovens de 17 anos, em 6 de janeiro de 2011. Foi com sua poesia que começou a participar das manifestações por direitos humanos e grupos feministas que denunciavam as mortes de mulheres na Cidade de Juárez. De 1993 a 2011, foram registrados mais de 700 casos de mulheres assassinadas ou desaparecidas na cidade mexicana. A característica principal era a de que 95% dos crimes permaneceram sem qualquer explicação por anos.

encontrou o namorado. Os dois discutiram sobre ela interromper a gravidez de 2 meses e, na sequência da briga, o namorado, com 16 anos, golpeou Chiara até a morte e a enterrou na casa dos avós. O crime ganhou ampla repercussão e desencadeou o início dos protestos do *#niunaamenos*.⁷

Diante de dados estatísticos que a cada ano assinalam o aumento da violência contra as mulheres, publicar um tweet escrito “*basta*”, seguido de *#niunaamenos* nas redes sociais, era uma reação que, ao ser compartilhada aos milhões, revelava a dimensão do problema, mas que não gerava uma ação política efetiva. Era necessário alcançar mais pessoas para que a pauta ganhasse relevância nacional. Foi assim que a militância feminista argentina convocou organizações territoriais, partidos políticos, sociedade civil, sindicatos e instituições educativas e culturais para assumirem uma posição de apoio à iniciativa de realização de uma marcha. A presença de corpos femininos no espaço público já havia se consolidado como uma tradição histórica da luta social e política na Argentina, desde os protestos das Mães da Praça de Maio, durante os anos da ditadura militar no país.

Assim, sob o lema do *Ni una a menos*, diversos manifestantes mostravam a complexidade das diferentes violências de gênero. O protesto deu visibilidade para os casos de mulheres que morriam nos abortos clandestinos e as que eram escravizadas nas redes de tráfico humano para exploração sexual. A marcha revelava o preconceito que as trabalhadoras sexuais sofriam ao destacarem o lema “*el estigma mata*” ou quando enfatizavam que podiam ser agredidas ou assassinadas, que o Estado e a Justiça não lhes garantiriam qualquer direito. Já os coletivos de diversidade sexual traziam frases, como: “*matar un travesti también es feminicidio*.” E apontavam, desta maneira, que as mortes por transfobia deveriam também ser qualificadas como feminicídio para não serem esquecidas.

O *Ni una a menos* criou também um contexto social importante que viabilizou as marchas da *Marea verde* a favor do aborto legal, seguro e gratuito na Argentina. Isso porque a violência era um tema mais fácil de mobilizar a sociedade do que o aborto, assim, desde 2018, uma multidão foi para as ruas com os lenços verdes, uma cor que se tornou o símbolo da luta pelo direito de decidir na América Latina. A Lei 27.610, conhecida como Lei de Interrupção

⁷ Mais de dois anos depois, o autor do crime, Manuel Villejos, foi condenado a 21 anos de prisão. Na época, o pai de Chiara, Fabio Paéz, pediu também a punição dos familiares de Manuel, pois acreditava que o jovem não conseguiria enterrar o corpo da vítima sozinho. O movimento *Ni una a menos* conseguiu que, a partir deste caso, o Estado argentino passasse a divulgar estatísticas públicas sobre feminicídios.

Voluntária da Gravidez, que garante o aborto legal, seguro e gratuito, foi sancionada no país, em 30 de dezembro de 2020. A conquista foi o resultado de um trabalho de mais de 30 anos e que reuniu cerca de 40 movimentos sociais e feministas argentinos.

Desde 2015, com o *Ni una a menos*, os feminismos se converteram em um tema central de debate no interior das organizações políticas, o que acabou amplificando o que é conhecido como feminismos populares. Estes movimentos são caracterizados por um feminismo atrelado aos bairros mais pobres e ao sindicalismo da economia popular, e tinham a finalidade de organizar, por exemplo, os refeitórios populares e as ações como promotoras de gênero. Essas últimas eram voluntárias que acompanhavam as mulheres que recorriam à assistência nos centros sociais, após sofrerem violência dos parceiros, e as vítimas contavam com o apoio das promotoras durante um período para se protegerem e, posteriormente, formalizarem a denúncia para as autoridades, caso fosse necessário. Esse tipo de ação comunitária garantia a formação de uma rede de proteção para a vítima. Em novembro de 2023, havia mais de 800 promotoras de gênero na Argentina, a maior parte em Buenos Aires, que realizavam este trabalho com base em uma educação feminista popular. É importante assinalar também que a massividade das marchas ocorre em função da participação dessas mulheres. Dina Sanchez, que é uma das lideranças políticas da UTEP (União dos Trabalhadores da Economia Popular), assinalava que não haveria *Ni una a menos* sem a participação dos feminismos populares (SANCHEZ, 2022). Desta forma, os feminismos alcançavam as mulheres de baixa renda, que eram as maiores vítimas da violência, para que elas pudessem compreender o que sofriam e aprenderem a acionar uma rede de contato, formalizar denúncias e se proteger de alguma maneira.

A tsunami feminista latino-americana

Em 2018, no Chile, após a ampla repercussão do *#metoo* e do *#niunaamenos*, as jovens estudantes chilenas também foram para as ruas e começaram a protestar em escolas e em universidades públicas e particulares para darem visibilidade a casos de assédio sexual, debater sobre educação de gênero e criticar políticas educacionais. Esse processo que ficou conhecido

como *tsunami feminista* tinha a proposta de não apenas reformular a convivência entre os homens e mulheres nas instituições acadêmicas, mas o intuito de também revisar currículos para desmontar a lógica patriarcal da produção de conhecimento. As estudantes questionavam um sistema educativo que valorizava mais as representações do masculino dominante. Assim, contestavam conteúdos de cursos e interpretações de gênero que reforçavam desigualdades e desvalorizavam as disciplinas que eram mais atribuídas ao sexo feminino. Então, durante o governo do presidente Sebastián Piñera, alunas de várias escolas começaram a reivindicar uma educação antissexista nas marchas aos gritos de: “abaixo o patriarcado” e “abortar o patriarcado e a sua educação de mercado”.

Porém, se o número de matrículas femininas aumentou significativamente nas últimas décadas, ainda existiam temas que limitavam a atuação das mulheres no desenvolvimento das pesquisas científicas no país, o que indicava pontos cegos quando o debate era desigualdade de gênero. Entre os questionamentos das jovens estava também a pequena presença do sexo feminino em altos cargos e o baixo financiamento em pesquisas realizadas por mulheres.

Mas o que desencadeou a *tsunami feminista* foi uma série de relatos de violência sexual que sofriam as estudantes, as professoras e as funcionárias de universidades. Muitas denúncias já vinham chamando atenção da mídia desde 2016, mas a gota d’água foi um episódio na Universidade Austral do Chile. As universitárias tomaram um dos prédios para exigir a saída imediata de um professor que havia cometido violência. O processo rapidamente se massificou pelo país e várias outras acusações foram feitas a partir de outros espaços acadêmicos. Como resposta, as universidades tiveram que criar protocolos e comitês para tratar denúncias e investir em atividades de prevenção, sanção e reparação. Da mesma forma que aumentaram a oferta de oficinas na área de gênero, aceitaram a linguagem inclusiva e passaram a ampliar a bibliografia de mulheres nas disciplinas dos cursos universitários.

A escritora e crítica cultural chilena, Nelly Richard⁸ (2024), ao comentar sobre a mobilização feminista no país assinalava que, ao longo da história, as marchas de mulheres sempre tiveram a proposta de ocupar o espaço público para alterar posições e atribuições que enfatizavam o protagonismo cidadão dos homens. Entretanto, essas estudantes feministas não

⁸ Nelly Richard é uma das intelectuais mais influentes na área de estudos culturais e teoria de gênero na América Latina. Sua obra aborda temas como a resistência cultural durante a ditadura militar chilena e analisa como a linguagem, a arte de vanguarda e os feminismos questionam e descontrolam narrativas de poder.

estavam apenas se apropriando do espaço público, também dividiam a superfície de seus próprios corpos entre o que ficava visível e invisível. Desta maneira, enfrentavam um conjunto de violências históricas que as ameaçavam: o desejo sexual masculino, as regras sociais que definiam como deviam se comportar e os estereótipos construídos pela publicidade. Ao mesmo tempo que descobriam partes do seu corpo, como os seios e as pernas, cobriam os rostos com gorros ou lenços que deixavam visíveis somente os olhos. Richard argumenta que essas jovens ao usarem gorros, chamados de *pasamontañas* em espanhol, estavam fazendo referência a repertórios de mobilizações como o Exército Zapatista e o grupo anarco *Pussy Riot*, representando as pessoas que são excluídas socialmente e economicamente. Para Richard, essas manifestações cruzam o passado com o presente e são responsáveis por refletirem uma memória descontínua repleta de saltos, latências e ressurgimentos.

Ao usar gorros (*pasamontañas*), as feministas chilenas entrelaçaram o indigenismo da rebelião zapatista com o internacionalismo de insurreições populares que implantam sua oposição anticapitalista em escala planetária. Essa hibridez de linguagem, prática situada e interferências serve como estratégia crítica de localização em um jogo que ressignifica as imagens da performatividade e sua citação descolonizadora (RICHARD, 2022: 28–29, tradução própria).

A ocupação da Universidade Católica por mais de cem estudantes foi outro marco da *tsunami feminista*. Com a mobilização, a instituição se comprometeu a estabelecer uma educação não sexista, inclusiva e interseccional. As universitárias passaram a reivindicar também um maior espaço para as dissidências. Para dar fim ao protesto, o reitor concordou em regularizar a situação de trabalho das funcionárias de limpeza, que eram prestadoras de serviço e trabalhavam sem direito a ter folgas na escala de trabalho. As manifestações feministas estudantis atenderam múltiplas demandas e enfatizaram não apenas um, mas diferentes tipos de abusos: assédios sexuais, o binarismo de gênero que invisibilizava as dissidências e a violência econômica que precarizava as condições de trabalho e de vida das mulheres.

Durante o protesto, na frente da Universidade Católica, havia um cartaz que questionava: “*Agora é quando?*”. Para Nelly Richard, a pergunta indica um tempo dos feminismos que se

declara em estado de emergência, é um tempo que se configura como insurgente porque as pessoas querem dizer um basta para aquilo que não suportam mais no cotidiano.

É um tempo que se reconhece como único e, também, frágil, constantemente ameaçado por apelos à restauração da ordem que impõem ou negociam um retorno à normalidade. O ‘agora é quando?’ anuncia a mudança a praticando no momento que desiste de esperar a realização de uma promessa distante (RICHARD, 2022: 33, tradução própria).

Segundo Richard, por ser frágil, o tempo das mobilizações feministas é o da excepcionalidade e não tem a característica de ser duradouro. Após os levantes, as instituições aceitaram acordos com medidas ainda limitadas para a área de gênero, as escolas e as universidades retornaram para normalidade e as ruas se esvaziaram dos corpos que aos gritos proclamavam mais direitos.

No Chile, outra campanha importante dos feminismos latino-americanos foi a performance *Un violador en tu camino* do grupo artístico feminista chileno *Lastesis*. A coreografia, que ficou mundialmente conhecida, foi reproduzida em várias cidades para mostrar como a violência é um fator comum a todo lugar: América Latina, Europa, Estados Unidos, Ásia e África. Na performance, as mulheres com os olhos vendados apontavam para os algozes da violência e cantavam: “O patriarcado é um juiz que nos julga ao nascer, e nossa punição é uma violência que não se vê; o Estado opressor é um homem estuprador; o estuprador é você”. O coletivo também faz uma provocação ao adotar o título *Un violador en tu camino*, já que, durante a ditadura militar de Augusto Pinochet, o lema da instituição policial chilena dos carabineiros era “*Um amigo no seu caminho*”.

Desta forma, na América Latina, os feminismos adotaram, muitas vezes, uma estética disruptiva e contra hegemônica. A configuração dessas experiências reflete como as vivências pessoais e coletivas se entrecruzam, colaborando para despertar um debate sobre os prováveis modelos de justiça dentro de uma perspectiva de políticas de gênero. Essas campanhas colaboraram para potencializar mensagens e uma comunicação para um público cada vez mais amplo, rompendo limites territoriais e barreiras culturais.

A misoginia por algoritmos

A *Tsunami Feminista* chilena e a campanha do *#niunaamenos* revelaram que a violência que abusava e matava uma mulher era a mesma que atingia outras milhares. A violência sexista e patriarcal que se reproduz na realidade não se restringe a qualquer fronteira, não se limita a classe, status social ou poder econômico, atua como vírus que contagia os indivíduos e pode explodir em tentativas de apropriação violenta de distintos corpos femininos. Só que também como vírus se reproduz com mais agilidade e intensidade nos locais onde outras violências também predominam. Diferentes camadas de opressão afetam os indivíduos simultaneamente, ninguém escapa, nem homens, nem mulheres, nem os corpos fora do binarismo de gênero; todos sofrem suas consequências brutais. As jovens ativistas feministas dos anos 2000 ao nomearem o que sentiam, atribuíram significado ao não dito e converteram o que era uma experiência silenciosa em discurso.

Rebecca Solnit (2017) também descreve no livro *“A mãe de todas as perguntas”*, a importância dessas vozes que surgem dos movimentos sociais e que mudam a estrutura da sociedade e se convertem em uma atividade surpreendente e furiosa. Para Solnit, o silêncio foi o responsável pelas pessoas sofrerem sem remédio, porque possibilitou um espaço para as mentiras crescerem e os crimes passarem impunes. Solnit enfatiza o quanto uma pessoa ser privada da própria voz representa ela ser desumanizada e excluída socialmente e, neste sentido, afirma que a história do silêncio é um aspecto central na história das mulheres. Assim, as palavras tentam unir o que o silêncio mantém separado. Como Solnit explica, alguém não poder contar sua história pessoal é uma agonia, uma morte em vida, o que, às vezes, se torna algo concreto.

Se ninguém ouve quando você diz que seu ex-marido está tentando matá-la, se ninguém acredita quando você diz que está sofrendo, se ninguém escuta quando você pede socorro, se você não se atreve a pedir socorro, se você foi ensinada a não incomodar pedindo socorro. Se consideram que você saiu da linha ao falar em uma reunião, se não é admitida em instituições de poder, se está sujeita a críticas improcedentes que trazem implícito que ali não é o lugar de mulher ou que mulher não

é para ser ouvida. As histórias salvam suas vidas. Histórias são a sua vida. Nós somos nossas histórias. [...] Criamos histórias que nos salvam ou nos prendem, a nós ou a outros, histórias que nos elevam ou nos esmagam contra o muro de pedra dos nossos medos e limitações (SOLNIT, 2017: 29).

Nas redes sociais, as *hashtags* conectavam as pessoas porque um relato publicado fazia outras reconhecerem que haviam passado pela mesma experiência de dor, de vergonha e de indignação. O espaço digital fez com que mulheres pudessem contar suas histórias e converteu as campanhas feministas em fenômenos globais de comunicação. Porém, milhares de pessoas nas ruas protestando contra o feminicídio ou compartilhando denúncias de abusos e assédio sexuais nas redes sociais não foram suficientes para frear o avanço da violência contra as mulheres na América Latina. As mesmas denúncias em escala global também não conseguiram parar agressões e desrespeito. A conscientização das mulheres sobre uma violência patriarcal não fez com que os homens deixassem de agredir os corpos femininos, mas permitiu que comportamentos e crimes não passassem mais impunes ou fossem silenciados.

A jornalista Laura Bates que foi a criadora da campanha *Every Day Sexism* e uma das primeiras a assinalar a importância da denúncia de episódios de assédio e violência sexual, recentemente, destacou um outro cenário preocupante. Desta vez, ela apontava que a atual geração de adolescentes do sexo masculino havia se tornado a responsável pelas atitudes e comentários mais machistas e misóginos em relação às mulheres e às meninas. Bates descreve que, no Reino Unido, há um movimento de radicalização em massa de meninos e de adolescentes que é estimulado pelos algoritmos nas redes sociais. O último livro de Bates é o *The New Age of Sexism*, de 2025, mostra como a inteligência artificial e a tecnologia estão reinventando a misoginia. A jornalista especifica que existe um perigo evidente dos aplicativos e das novas ferramentas tecnológicas arrastarem as meninas de volta para uma realidade, na qual elas não tinham a garantia de qualquer direito.

Bates indica que qualquer pessoa que crie um perfil se passando por um menino de 14 anos no *TikTok* receberá, em 30 minutos, conteúdos misóginos no celular. Para Bates, as grandes empresas de tecnologia são as responsáveis por um sexismo que está se espalhando sem controle nas redes sociais. A jornalista também chama a atenção para os aplicativos que são capazes de retirar a roupa das pessoas a partir de fotos e gerar uma imagem extremamente

realista da mesma pessoa nua. Ela enfatiza como estes recursos podem gerar novas práticas de abuso e colocam em pauta uma antiga questão de a quem pertence o domínio do corpo feminino.

Porém, a ameaça que atinge o feminino traz consequências também para o masculino. Bates afirma que há uma epidemia de saúde mental nos mais jovens e, atualmente, os meninos são aqueles que mais se suicidam. Este dado indica o quanto que o suicídio já é, em muitos países, a principal causa de morte de adolescentes masculinos com 15 anos. Isso porque a masculinidade que reprime os homens e os impede de buscar ajuda e falar sobre os seus sentimentos, foi adotada pelo mesmo sistema que criou os estereótipos de que as meninas eram movidas por hormônios ou histéricas sempre que reagiam e sentiam raiva.⁹ Neste contexto, o quanto este conteúdo já está impactando jovens de outros lugares? Bates teve um papel fundamental em revelar as camadas de violência contra as mulheres, agora, está assinalando que não há como diminuir as agressões ao feminino sem um debate sobre as consequências que determinados tipos de masculinidade provocam nos meninos, nos adolescentes e nos homens.

De acordo com Bates, as jovens de hoje estão muito mais conscientes dos seus direitos e da atuação dos movimentos feministas, o que representa uma esperança no combate ao sexismo. No entanto, a escritora assinala que vivemos um contexto perigoso, porque sempre tivemos a impressão que cada progresso é seguido por um movimento de *backlash*, ou a ideia de que a cada dois passos para frente, é dado um para trás. Porém, Bates destaca que nunca houve um momento no qual o *backlash* foi facilitado ou impulsionado por poderosos algoritmos. Para a escritora, o caminho para mudar essa realidade é através de uma regulação que venha de governos e, se possível, de governos que colaborem internacionalmente para a questão.

A única maneira de mudar isso é se tivermos regulamentação vinda dos governos e, idealmente, de governos cooperando internacionalmente com algum tipo de estrutura global para regulamentação. E isso não significa parar a inovação ou o progresso, ou

⁹ Laura Bates foi a entrevistada do podcast *Radical with Amol Rajan* da BBC de Londres, em 12 de junho de 2025. A entrevista possui o título “*AI and Sexism: The Fight Against Misogyny Online*” e está disponível no link: <https://www.bbc.com/audio/play/m002d8wf>. As informações também foram publicadas na BBC Brasil: “*Pela primeira vez na História, machismo é maior entre mais jovens, diz pesquisadora*”. 20 de junho de 2025. A reportagem pediu uma resposta das empresas de tecnologia *Meta* e *TikTok*, mas ambas alegaram que não toleram discursos de ódio e que este tipo de conteúdo não tem espaços em suas plataformas. Já o *TikTok* questionou, inclusive, o método que foi adotado pela pesquisa de Bates.

aproveitar as muitas maneiras reais pelas quais a IA emergente pode ter um impacto muito positivo em nosso mundo e sociedade (PROSPECT PODCAST, 2025).

Na internet, há, inclusive, o termo “*machoesfera*” para designar os conteúdos de comunidades masculinas que pregam ódio às mulheres e que afirmam tratar dos interesses dos homens exclusivamente. Como afirma o relatório de 2024 da *United Nations Women*, esses grupos têm como característica os ataques aos feminismos e as feministas e passam uma falsa ideia de que os homens seriam as “vítimas” de uma realidade social e política, no qual as mulheres estão lutando para sobreviver e por igualdade de direitos (UN WOMEN, 2024).

De forma geral, se a violência contra as mulheres é um problema global, a solução dele também requer uma medida que contemple a mesma escala. Diante da frequente tarefa dos feminismos de nomear casos de assédios e comportamentos de desrespeito, a historiografia desempenha um papel fundamental para o futuro: o de ampliar a consciência sobre as agressões e crueldades que atingem o feminino e o de aprofundar uma compreensão histórica das consequências que certos modelos de masculinidade provocaram nas sociedades ao longo do tempo.

Referências bibliográficas

- #NIUNAAMENOS (2017). *Vivxs nos queremos*. Edición Milena Casarola: Buenos Aires.
- AI and Sexism: The Fight Against Misogyny Online. (12.06.2025). PODCAST. Disponível em: <https://www.bbc.com/audio/play/m002d8wf>. Data de acesso: 29.01.2026.
- BATES, L. (2017). What I have learned from five years of Everyday Sexism. *The Guardian*, 17.04.
- CENTENERA, M. (2017). Autor do crime que originou o movimento ‘Nem Uma A Menos’ é condenado a 21 anos de prisão. *El País*, 09.07.
- COBO, R. (2019) La cuarta ola feminista y la violencia sexual. Paradigma. *Revista Universitária de Cultura*, no 22.
- CUNHA, D. (2016). Milo Yiannopoulos Attempts to Respond to Getting Kicked Off Twitter. *ViceNews*, 20.07.
- DIETZ, A. L.; MONSALVE, K. A. (2022). *Feminismos, género y movimiento de mujeres: claves para el debate en tiempos constituyentes*. Santiago de Chile: LOM Ediciones.
- DOWD, M. (2018). This is Why Uma Thurman is Angry. *New York Times*, 03.02.
- EMCKE, C. (2024). *Sim é Sim*. Belo Horizonte: Editora Âyiné.
- FOX, K.; DIELM, J. (2017). #MeToo’s global moment: the anatomy of a viral campaign. *CNN*, 09.11.

- HISTÓRICAS. (2021). *Movimientos Feministas y de Mujeres en Chile 1850-2020*. Santiago de Chile: LOM Ediciones.
- KOSSELLECK, R. (2020). *História de Conceitos*. Contraponto, Rio de Janeiro.
- LIMA, A. S. (2018). *Cuéntalo – o #metoo espanhol – está em marcha*. *O Público*, 04.05.
- MCCANN, H. (org.) (2019). *O Livro do Feminismo*. Coleção - As grandes ideias de todos os tempos. Rio de Janeiro: Globo Livros.
- MONTECINO, S. (comp.) (2018). *Mujeres Chilenas. Fragmentos de una historia*. Santiago de Chile: Ediciones Catalunya.
- PROSPECT PODCAST (2025). Laura Bates: AI is reinventing sexism. *YouTube*. Duração: 14'45", 23.06. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dyPUiy1JBo>. Data de acesso: 29.01.2026.
- RICHARD, N. (2022). Memoria, Latencia y Estallidos: La insurgencia de mayo de 2018 en Chile. In: D'ANTONIO, D.; GRAMMÁTICO, K.; TREBISACCE, C. (orgs.). *Tramas Feministas al Sur*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires.
- SANCHEZ, D. (2022). Sin feminismo popular, no hay Ni una a menos. *Infobae América*, 31.05.
- SOLNIT, R. (2017). *A Mãe de Todas as Perguntas*. Reflexões sobre os novos feminismos. São Paulo: Companhia das Letras.
- SOLNIT, R. (2020). *De quem é esta história?* São Paulo: Companhia das Letras.
- TEDxTALKS (2014). Everyday sexism: Laura Bates at TEDxCoventGardenWomen. *YouTube*, 17. 01. Duração: 16'05". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LhjsRjC6B8U>. Data de acesso: 29.01.2026.
- TORRES, I. (2021). Juana Manso y el tópico de la emancipación de la mujer: periodismo, educación y circulación de ideas (Estados Unidos, Brasil, Río de la Plata). In: *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Fino Traço Editora.
- UN WOMEN (2024). *Intensification of efforts to eliminate all forms of violence against women and girls: Technology-facilitated violence against women and girls: Report of the Secretary General*. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications>. Data de acesso: 29.01.2026.
- WEST, L. (2017). Brave Enough to be Angry. *New York Times*, 08.11.
- ZAKARIA, R. (2021). *Contra o Feminismo Branco*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial Generativa

A autora do artigo acima identificado declara que ao longo da elaboração deste manuscrito foram utilizadas a seguinte ferramenta de inteligência artificial: Claude, com a finalidade de: tradução do resumo para outro idioma. Após o uso da ferramenta, a autora revisou e editou criticamente todo o conteúdo, assumindo total e integral responsabilidade pelo manuscrito publicado, inclusive por eventuais imprecisões ou incorreções.